

# O CONFLITO ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA EM 2014, SOB A ÓTICA GEOPOLÍTICA RUSSA

Anselmo de Oliveira Rodrigues<sup>1</sup>  
Ricardo de Amorim Araújo Pereira<sup>2</sup>

## RESUMO

---

O propósito deste artigo é analisar o episódio envolvendo a Rússia e a Ucrânia em 2014, sob a ótica da geopolítica praticada na Rússia. Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se o mesmo com uma breve evolução do território russo a partir do século XII, destacando os reflexos dessa dinâmica na sociedade russa. Na sequência, destaca-se o papel de *Mackinder* na geopolítica russa, ao passo que se apresenta o pensamento geopolítico russo adotado nos dias atuais. Posteriormente, aborda-se a importância do eurasianismo na geopolítica da Rússia e a influência das ideias de *Aleksandr Dugin*. Em seguida, é feita uma análise sobre esse conflito, sob a ótica geopolítica, finalizando com as conclusões obtidas deste estudo.

**Palavras-chave:** Geopolítica. Rússia. Ucrânia.

---

<sup>1</sup> Doutor. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: capanselmo98@ig.com.br / Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1992-0520>

<sup>2</sup> Oficial do Exército Brasileiro. Email: majamorim.ccem2017@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7783-5688>

## INTRODUÇÃO

A Federação Russa é o Estado com maior extensão territorial do mundo e ocupa atualmente uma área de 17.098.200 km<sup>2</sup>. O país está localizado numa região conhecida como Eurásia e possui as fronteiras mais longas do planeta. Em linhas gerais, o atual perímetro russo encontra-se delimitado pelos seguintes limites: na porção norte, a fronteira russa é delimitada pelo oceano Ártico; na porção oeste, a Federação Russa faz fronteira com os países bálticos, com Belarus e com a Ucrânia; já na porção sul, o país estabelece fronteira com diversos Estados da Ásia Central; e na porção leste, o território russo encontra seus limites definidos pelo mar de *Bering* e pelo mar de *Ochotsk* (OFFICIAL RUSSIA, 2018).

Dentre os fatos ocorridos na história do país e que exerceram influência na atual demarcação do espaço ocupado pela Rússia, pode-se dizer que o término da Guerra Fria (1989) foi determinante para a dissolução da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), evento que mudou radicalmente a ordem global até então existente, vindo a ocasionar reflexos em todo o planeta com incertezas e turbulências de toda ordem. Uma dessas consequências foi o surgimento de novos Estados soberanos, muitos dos quais eram oriundos da ex-URSS e que, imediatamente, passaram a ser reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) (HOBSBAWM, 2007).

Mas essa imensidão territorial, que atualmente faz parte do território russo, em épocas passadas já foi ocupada por outras elites governamentais. Ao observar a história desse país, nota-se que a mesma contempla diversos casos em que o poder estatal mudou de mãos. Senão vejamos, do século XII ao século XIV, esse território esteve sob o domínio da Rússia *Kieviana*<sup>3</sup>. No século XV e no século XVI, essa mesma massa territorial mudou de mãos e passou a ser governada pela Rússia Medieval<sup>4</sup>. Entre o século XVII e o século XIX, ocorreu outra mudança na elite estatal russa. Nesse período, o Império Russo<sup>5</sup> ascendeu ao poder na Rússia,

---

<sup>3</sup> Área situada às margens do rio *Dnieper* e que foi ocupada por ucranianos, bielorrussos e russos, dando origem à cidade de *Kiev*. O território ao redor dessa área recebeu a denominação de Rus. Assim, surgiu o Estado russo, o qual veio a se chamar de Rússia *Kieviana* (AGUIAR, 2002).

<sup>4</sup> Período que marca o início da expansão rumo à Sibéria, onde a Rússia esteve sob a dinastia dos príncipes Ivan I, Ivan II, Ivan III e Ivan IV (AGUIAR, 2002).

<sup>5</sup> Período marcado pela ideia de ocidentalização, o qual se inicia com a ascensão de Pedro, o Grande, no poder da Rússia. Dentre as inúmeras mudanças ocorridas, toma destaque a transferência da capital do Império, que passou de Moscou para São Petersburgo (AGUIAR, 2002).

destituindo a Rússia Medieval. No século XX, percebe-se nova alternância de poderes na Rússia. Neste século, coube a ex-URSS o papel de comandar o país (ISAKOVA, 2005).

Dessa forma, observa-se que várias formas de governo se estabeleceram no território russo desde o século XII, aplicando seus conceitos políticos e ideológicos. Essa alternância de poderes no país marcou profundamente o *ethos*<sup>6</sup> da sociedade russa, fortemente caracterizado pela descrença em seus líderes políticos.

Por outro lado, observa-se também que a história russa é recheada de casos em que se verificou a tentativa de ameaça estrangeira ao seu território. Ou seja, as entidades estatais que estiveram no poder russo ao longo dos séculos, em maior ou menor grau e em determinados momentos da história, sofreram algum tipo de tentativa de invasão estrangeira em seus domínios. Esses fatos também proporcionaram reflexos na sociedade e moldaram, no decorrer dos anos, o caráter e a personalidade da população russa nas questões associadas à segurança e à defesa (ISAKOVA, 2005).

Nos dias atuais, verifica-se que essa preocupação com a manutenção da integridade do território ainda existe no seio da sociedade russa. Este fato pode ser confirmado pela análise das declarações de autoridades políticas, pela leitura de manuscritos acadêmicos e pelos pareceres emitidos por especialistas, os quais consideram a existência de algumas ameaças, que possuem potenciais capacidades de afetar a soberania russa em seu território (KATZ, 2007). Assumindo outras formas, assentadas em outro contexto, as ameaças atuais ao território russo existem e são multifacetadas. De forma resumida, atualmente a Rússia possui os seguintes desafios para manter a integridade de seu território: 1) ao norte, a Rússia teme o êxodo populacional dos russos nativos da Sibéria; 2) a oeste, a Rússia tem como ameaça o poderio militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e toda a rivalidade existente com o mundo ocidental; 3) a sul, a Federação Russa define como ameaça, os movimentos extremistas islâmicos oriundos do mundo mulçumano; e 4) a leste, os russos têm como ameaça a pressão demográfica exercida pelos chineses ao longo de sua fronteira estabelecida com a China (KOLOSSOV, 2003).

Diante desse contexto e com base nessa realidade é que se deu o embate entre a Rússia e a Ucrânia em 2014. Ex-república soviética e

---

<sup>6</sup> É o conjunto de traços e modos de comportamento que conformam o caráter ou a identidade de uma coletividade (RAE, 2020).

fortemente dividida entre o Ocidente e a Rússia, a Ucrânia foi palco de uma instabilidade política interna ocorrida no âmbito da população ucraniana entre parte que era favorável à aproximação do país junto à União Europeia e parte que era favorável à aproximação do país junto à Rússia. Porém, esse evento não ficou somente limitado aos ucranianos, pelo contrário, esse episódio extrapolou os limites fronteiriços e ganhou contornos geopolíticos mundiais (BELMONTE, 2016).

Em vista disso, o propósito deste artigo é analisar o episódio envolvendo a Rússia e a Ucrânia em 2014, sob a ótica da geopolítica praticada na Rússia. Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte forma: inicia-se o mesmo com uma breve evolução do território russo a partir do século XII, destacando os reflexos desse processo na sociedade russa. Na sequência, destaca-se o papel de *Mackinder* na geopolítica russa, ao passo em que se apresenta o pensamento geopolítico russo praticado nos dias atuais. Posteriormente, aborda-se sobre a importância do eurasionismo na geopolítica da Rússia e a influência das ideias de *Aleksandr Dugin* para a implementação de ações políticas adotadas por *Vladimir Putin* no poder russo. Logo em seguida, é feita uma análise sobre o conflito que envolveu a Rússia e a Ucrânia sob a ótica geopolítica, finalizando com algumas reflexões sobre o conflito e o atual momento russo.

## A IMPORTÂNCIA DE MACKINDER NO PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO

Diversos pensadores influenciaram a maneira e o modo de pensar da escola geopolítica russa ao longo dos tempos. Desde geopolíticos clássicos, até aos pensadores contemporâneos, inúmeras ideias e teorias geopolíticas foram lançadas e aplicadas na política russa. Mas há um em especial, que estabeleceu um conceito importante e que serviu de verdade inquestionável para o estabelecimento das teorias geopolíticas russas subsequentes: *Halford John Mackinder*<sup>7</sup>. Ou seja, para entender a escola geopolítica russa torna-se necessário recorrer à geopolítica clássica e compreender um dos conceitos geopolíticos elaborados por *Mackinder*, que influenciou toda uma geração de pensadores na Rússia.

---

<sup>7</sup> Geopolítico clássico inglês que nasceu em 15 de fevereiro de 1861 e veio a falecer em 06 de março de 1947. Dentre suas obras mais importantes, toma destaque a publicação em 1904 do artigo denominado *The Geographical Pivot of History*, no qual formulou a Teoria do Poder Terrestre (VILLA, 2000).

Trata-se da Teoria do Poder Terrestre. No pensamento de *Mackinder*, o país que quiser dominar o mundo, deve ter um poderio militar terrestre que seja capaz de conquistar e manter a massa territorial compreendida pelo continente europeu e pela Ásia, ou simplesmente Eurásia. Nessa teoria, *Mackinder* advoga que quem governar a Europa Oriental — irá comandar o *Heartland*<sup>8</sup>, quem governar o *Heartland* — vai dominar a área pivô e quem governar a área pivô — fatalmente vai comandar o mundo (KAPLAN, 2013).

Procurando depreender melhor sobre o que venha a ser o *Heartland*, Oliveira (2016) esclarece que é uma área rica em recursos naturais, possui boas reservas hídricas, pelo que a torna numa região extremamente favorável para a prática da agricultura, da pecuária, do extrativismo e da fixação da população humana. Além das riquezas naturais, convém ressaltar o valor cultural que essa região possui no seio da sociedade russa, pois a mesma nunca foi totalmente dominada por um invasor estrangeiro, aspecto que aumenta o valor militar do *Heartland* perante os russos (OLIVEIRA, 2016). Mello (2015) converge com tal pensamento e insere ingredientes adicionais ao afirmar que graças ao avanço tecnológico proporcionado pelos meios de transportes, principalmente as ferrovias, a Rússia conseguiu interligar por via terrestre pontos distantes de seu vasto território, aspecto que a deixou em melhores condições para fazer frente ao poder marítimo norte-americano, em um eventual conflito entre estes dois países numa eventual disputa pelo *Heartland*.

Relacionando esse conceito com o episódio envolvendo a Rússia e a Ucrânia sob a ótica geopolítica, percebe-se o nível de importância estratégica exercida pela Ucrânia aos interesses russos, pois esse país está localizado no limite do *Heartland*, mais precisamente na fronteira oeste do país, região onde a principal preocupação da Rússia está voltada em conter o avanço da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (MUNERA, 2015).

Em que pese a importância e a presença de *Mackinder* no pensamento geopolítico russo, nota-se que eventos como a Revolução Russa, a 1ª Guerra Mundial, a 2ª Guerra Mundial e a ocorrência da Guerra Fria, modificaram o pensamento geopolítico russo ao longo do século XX, produzindo novos contornos na maneira de pensar e na forma de

---

<sup>8</sup> Massa territorial que possui cerca de 13 milhões de km<sup>2</sup> e que se encontra localizada no eixo Moscou-Berlim (ALBUQUERQUE, 2012).

implementar as ideias propagadas pela geopolítica russa nas políticas públicas nos dias atuais.

## O PENSAMENTO GEOPOLÍTICO RUSSO DA ATUALIDADE

Tendo como base o pensamento de *Mackinder*, o pensamento geopolítico russo evoluiu ao longo do século XX acompanhando os principais acontecimentos mundiais. Dessa forma, Blum e Jacichen (2015) observam que o período que se seguiu logo após o fim da ex-URSS possibilitou o surgimento de três escolas geopolíticas distintas no país: 1) os internacionalistas realistas; 2) os realistas; e 3) os expansionistas revolucionários. Representada por *Mikhail Gorbachev*, a primeira escola defendia o foco nos problemas internos russos e na busca de uma cooperação mútua com o ocidente, sem se preocupar com o avanço ocidental para o leste europeu. Já a segunda escola, entendia que a globalização era uma forma de projeção de poder dos Estados Unidos da América, pois a mesma era vista como um arranjo criado pelos norte-americanos para ocidentalizar o mundo, aspecto que acirrava a rivalidade existente entre a Rússia e o Ocidente. A terceira escola, por seu turno, focava na segurança da população russa. Para isso, defendia a criação de uma união eslava, o fortalecimento da Rússia e a necessidade de realizar a expansão externa.

Em que pese à divergência de propósitos e ideais contidos em cada uma das três escolas geopolíticas surgidas na década de 1990 na Rússia, Blum e Jacichen (2015) entendem que elas foram importantes pontos de apoio para o surgimento do pensamento geopolítico russo da atualidade, pois cada uma dessas escolas plantou as bases necessárias para o surgimento das duas principais correntes de pensamento russas que vigoram atualmente no país: 1) os internacionais liberais ou ocidentalistas; e 2) os eurasiaticistas.

Sob a liderança de *Dimitri Trenin*, os internacionais liberais ou ocidentalistas buscam aproximar a Rússia com o mundo ocidental, sem questionar a liderança norte-americana sobre a Eurásia. Essa corrente de pensamento não acredita no multiculturalismo da Rússia, pois advoga que a identidade russa deve ser desenvolvida conforme os valores puramente europeus. Outra ideia que precisa ser destacada dessa corrente de pensamento é o posicionamento contrário à realização de alianças russas com os países da Ásia Central e do Irã, pois considera que esse

tipo de aproximação representa uma ameaça à segurança russa, face os movimentos terroristas oriundos dessa região (SOUSA, 2012).

No tocante aos eurasianistas, Matos (2012) infere que *Aleksandr Dugin* é o maior expoente dessa escola que exerce grande influência no cenário político russo da atualidade. A proposta basilar dos eurasianistas reside na defesa das tradições culturais russas e na peculiaridade da geopolítica da Rússia, propostas que se contrapõem à iniciativa ocidental de globalizar o mundo. Ou seja, verifica-se que as ideias adotadas por essa corrente de pensamento convergem para um posicionamento claramente contrário à liderança americana na região, aspecto que coloca o eurasianismo como uma alternativa à filosofia ocidental e à sua economia. Inserindo ingredientes adicionais nesse debate, Reis (2015) elenca que o aspecto central dos eurasianistas é fazer frente ao ideal de superpotência dos Estados Unidos da América, advogando a ideia de que o mundo atual é multipolar.

Dentre as duas correntes geopolíticas de pensamento apresentadas anteriormente, observa-se que a corrente de pensamento que tem sido dominante no país nos dias atuais é o eurasianismo (BELMONTE, 2017). A opção pelo eurasianismo está apoiada em inúmeras justificativas, mas há dois fatos históricos que são centrais nessa escolha: 1) o fiasco da *Perestroika* e da *Glasnost*; e 2) a ascensão de *Vladimir Putin* ao poder (BELMONTE, 2017).

De cunho internacional liberal, as duas políticas públicas introduzidas na ex-URSS por *Mikhail Gorbachev* na segunda metade da década de 1980, *Perestroika* e *Glasnost*, tinham como objetivo recuperar a economia do país e tornar as ações políticas públicas mais transparentes, entretanto não lograram o êxito esperado. A proposta em recuperar a economia do país e tornar as ações políticas públicas na ex-URSS mais transparentes encontrou rejeição em boa parcela da sociedade e não correspondeu à expectativa de *Gorbachev*, pois inseriu milhões de soviéticos em estado de pobreza e miséria, agravando ainda mais a debilitada economia do país nesse período (RODRIGUES; MIGON, 2019).

Por outro lado, observa-se que a ascensão de *Putin* aos cargos mais elevados na Rússia a partir da década de 1990, possibilitou a recuperação do país em seu plano interno e, posteriormente, permitiu assentar as bases necessárias para que a Rússia retomasse o seu *status* de *player* global. Inúmeras ações emanadas por Moscou podem confirmar essa assertiva. Com exceção da declaração formal de guerra, Reis (2015) destaca que a

Rússia aplicou as mais variadas formas de ação em seu *Heartland* após 1990, tais como: o uso de pressão econômica; a realização de ofensiva diplomática; o emprego de militares oriundos das forças especiais russas; a utilização do emprego de serviços de informações, dentre outros.

## O PAPEL DO MOVIMENTO EURASIANISTA NA GEOPOLÍTICA RUSSA

O movimento eurasianista não é novo, pelo contrário, sua origem remonta ao início do século XX. Segundo Belmonte (2014), o eurasianismo ganhou espaço na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas por volta do ano de 1920, tendo como teóricos *Nikolai Daniliévski* e *Konstantin Leontiev*. Nessa época, o cerne do pensamento eurasianista pautava-se sobre uma civilização russa que estivesse fora da área de influência europeia. Não pelo acaso, os conceitos defendidos pelo eurasianismo foram utilizados como justificativas para a eclosão da revolução russa, pois se havia o entendimento em boa parte da sociedade russa daquele período de que tal movimento era indispensável para a modernização do país.

Matos (2012) converge com Belmonte e infere que o aspecto central do eurasianismo vigente nesse período, era a necessidade que a Rússia tinha em se distanciar do ocidente e acrescenta dizendo que *Nikolai S. Trubetskoy*, o historiador *Peter Savitsky*, o teólogo ortodoxo *G. V. Florovsky* e o geógrafo, historiador e filósofo *Lev Gumilev*, foram as principais referências do pensamento eurasianista em vigor na ex-URSS no início do século XX. Essas personalidades russas estabeleceram enorme contribuição para o pensamento geopolítico russo atual, pois eles plantaram as primeiras sementes para o eurasianismo em vigor atualmente no país (LARUELLE, 2006).

Tendo em vista a frustrada experiência que os russos tiveram na década de 1980, momento em que os mesmos abandonaram o comunismo e ingressaram no sistema capitalista, particularmente com a *Perestroika* e a *Glasnost*, nota-se que o pensamento geopolítico vigente em Moscou nos dias atuais, sofreu grande aporte dos ideais proclamados pelo movimento eurasianista, particularmente a partir da década de 1990. Com base nesses aspectos, o Estado russo procura proteger a sua população dos efeitos da globalização, desencadeando diversas ações estratégicas voltadas para ampliar a sua projeção no espaço da Eurásia, dentre as quais se destacam

a pressão econômica nos países vizinhos; a ofensiva diplomática; e o emprego de forças especiais russas em regiões de interesse.

Com o insucesso do internacionalismo liberal praticado por *Gorbachev* na década de 1980, o eurasionismo ganhou força e novos contornos, vindo a se adaptar a um mundo globalizado e de caráter multipolar. Atualmente, as principais ideias proclamadas pelo eurasionismo contemporâneo consideram que a Rússia é uma potência terrestre, pois possui as maiores dimensões do planeta e reúne uma gama de civilizações em seu território, todas sob os seus domínios: eslavos, germânicos, turcos, árabes, mongóis e chineses (GONÇALVES, 2014). Aliado a esses conceitos, o eurasionismo contemporâneo não se descolou totalmente do movimento eurasionista praticado na Rússia no início do século XX. Em suma, o eurasionismo contemporâneo tem suas bases plantadas no que podemos chamar de eurasionismo clássico e nas ideias semeadas por *Mackinder*, com destaque para a teoria do Poder Terrestre.

No decorrer dos anos, vários geopolíticos eurasionistas realizaram suas contribuições teóricas naquilo que entendiam ser o melhor para os interesses russos. No entanto, dentre todos os pensadores russos oriundos da escola eurasionista, um se notabilizou dentre todos os demais por construir e lançar diversos conceitos teóricos, muitos dos quais se transformaram em ações políticas por parte do atual governo russo. Lazzari nos esclarece que várias ideias emitidas por *Dugin*, com ênfase no posicionamento contrário à liderança americana na região, podem ser verificadas na política desenvolvida por *Putin* no governo russo e acrescenta dizendo que as elites russas observam no eurasionismo proposto por *Dugin* uma grande corrente para alavancar seu projeto de grande potência moderna, evidenciando assim a penetração do pensamento de *Dugin* no alto escalão do governo russo (LAZZARI, 2011).

Diante do exposto, nota-se que desde o início do século XX o eurasionismo esteve presente na escola geopolítica russa e que, se ajustou de acordo com o cenário interno e externo vivenciado pelo país. A fracassada tentativa de aproximação com o ocidente realizada por *Gorbachev* na década de 1980 fez com que o país mergulhasse em forte instabilidade de caráter político e social, que teve seu ápice na crise constitucional de 1993, quando o parlamento russo abriu um processo de *impeachment* contra o então presidente *Boris Yeltsin*, que em contrapartida dissolveu o mesmo e, não obstante, bombardeou as instalações do edifício que abrigava o parlamento (RODRIGUES; MIGON, 2019). Com esse cenário,

o eurasionismo foi ganhando força na Rússia, pois soube se adaptar à nova realidade mundial que se descortinava naquele momento, adotando novas formas e utilizando novos e antigos conceitos.

## **PUTIN E O EURASIANISMO PROPOSTO POR DUGIN**

Gilbert (2015) entende que a ligação de *Dugin* com Putin reside na política. Em entrevista, o geopolítico russo *Aleksandr Dugin* revelou que trabalha como Chefe do Departamento de Sociologia da Universidade de Relações Internacionais de Moscou, bem como atua como conselheiro de *Sergei Naryshkin*, importante membro do partido Rússia Unida, o mesmo de *Vladimir Putin*.

Para Belmonte (2016), a aceitação de Putin pelos ideais defendidos por *Dugin* está no fato de que este geopolítico advoga de forma contrária ao liberalismo, ao mesmo tempo em que também exalta o nacionalismo russo, destacando elementos de cunho bolchevique, fascista, comunista stalinista e conservador. Aliado a essa postura, observa-se também que o governo de Moscou tem atuado de forma agressiva no plano externo e vem buscando maior projeção de poder na Eurásia e no Ártico, evidenciando assim muitos elementos do eurasionismo de *Dugin*.

Em linhas gerais, o eurasionismo propagado por *Dugin* pode ser dividido em dois grandes grupos: 1) os modernizadores, que pretendem retomar o modelo da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no qual somente um conflito mundial poderia redesenhar as novas esferas de influência; e 2) os expansionistas, que pregam a reabsorção da antiga área de influência da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, bem como a formação de um bloco eurasiono liderado pela Rússia (GONÇALVES, 2014). Por contemplar um universo extenso e variado de conceito e ideias, compreende-se que o eurasionismo defendido por *Dugin* pode ser entendido também como um neo-eurasionismo, pois o mesmo contempla ao mesmo tempo, os modelos eurasionos praticados no passado e os conceitos incorporados do presente.

Existe ainda um aspecto importante a ser destacado nesse pensamento neo-eurasionista, que é a expansão geopolítica da Rússia. A projeção de poder russa segue três grandes eixos: 1) o primeiro é o fortalecimento do eixo europeu com ênfase no meio diplomático e para isso conta com o apoio da Alemanha para facilitar a influência de Moscou sobre esta região; 2) o segundo é a ampliação do eixo asiático, trazendo

para a esfera de influência russa, países como o Japão, a China, o Vietnã, a Índia e as duas Coreias; e 3) o terceiro é o fortalecimento do eixo iraniano, pois os russos entendem que atualmente o país deve se aproximar com o Irã, na medida em que se trata de uma potência regional do Oriente Médio (GONÇALVES, 2014).

Lopes (2016) compreende o pensamento eurasianista de *Dugin* sob outra perspectiva e nos esclarece que o mesmo aliou tradição e inovação, ao incorporar ao mesmo tempo, aspectos de *Halford John Mackinder* e *Karl Haushofer* em seu pensamento, bem como alguns conceitos de *Samuel Huntington* em suas teorias, particularmente no que se refere à execução de uma geopolítica que considera a civilização russa totalmente distinta da sociedade Ocidental. Além desses aspectos, cumpre destacar a importância que *Dugin* destina sobre a necessidade da Rússia em obter o controle de determinadas áreas estratégicas (como portos, cidades e recursos estratégicos). Nessa concepção, a posse dessas regiões estratégicas tem duas finalidades: 1) impedir a inserção dos países da OTAN em sua zona de influência; e 2) manter afastado da região do *Heartland*, seus principais rivais: os Estados Unidos da América (LOPES, 2016).

Isso posto, observa-se que o neo-eurasianismo exerce forte influência na forma de pensar das elites dominantes russas e que, constantemente, costuma embasar os movimentos estratégicos adotados pela Rússia no atual tabuleiro internacional, principalmente após a assunção de *Putin* ao poder no país<sup>9</sup>.

## O CONFLITO NA UCRÂNIA

A independência da Ucrânia, ocorrida no ano de 1991 e materializada por um referendo realizado no dia 1º de dezembro do mesmo ano, nunca foi aceita facilmente pelos russos. O país tinha alto valor geopolítico, pois era o local onde passavam todos os dutos de gás produzidos na Rússia com destino à Europa. Em vista desse aspecto e de outros de ordem cultural e histórica, os russos sempre buscaram, desde o nascimento deste novo país, uma manutenção de sua influência por

---

<sup>9</sup> Após assumir o governo em 2000, *Putin* priorizou o fortalecimento da autoridade central na Rússia, como forma de responder ao mundo que a imagem anárquica que a Rússia tinha naquela ocasião, estava se encerrando. A renovação do esforço militar na Chechênia para atuar contra o separatismo islâmico, a eliminação de privilégios das oligarquias formadas na década de 1990 e a reestatização parcial da produção de petróleo e gás russa, são apenas algumas das ações estratégicas preteridas por *Putin* (MARKOV, 2008).

meio do estabelecimento e do estreitamento de laços com a oligarquia ucraniana. Em diversas ocasiões, subiram ao poder na Ucrânia, políticos solidários aos pensamentos de *Putin*, como foi o caso do presidente *Viktor Yanukovich*, que governou a Ucrânia entre 2010 e 2014 (DIAS, 2015; MIELNICZUK, 2016).

Por outro lado, o papel estratégico exercido pela Ucrânia na distribuição do gás para a Europa, despertou também o interesse da União Europeia em aumentar sua esfera de influência e continuar o seu avanço para o leste na cooptação de novos países. A Ucrânia, um dos mais novos Estados reconhecidos pela ONU, também estava na área de influência da União Europeia. Percebeu-se então que, tanto a Rússia, como a União Europeia, realizavam ações no sentido de inserir a Ucrânia na sua órbita geopolítica. O resultado dessa trama de interesses foi a adoção de um jogo duplo realizado pela Ucrânia, ora atendendo os anseios de Moscou, ora se ligando com o Ocidente, atraída pelo capitalismo pulsante da União Europeia (DIAS, 2015; MIELNICZUK, 2016).

O cenário instaurado na Rússia após a desintegração da ex-URSS, não permitiu que a elite russa realizasse uma ação robusta e mais firme em sua área de influência. Foi somente após a assunção de *Putin* ao cargo mais elevado do governo, que a Rússia se fortaleceu política e economicamente no cenário internacional, superando os obstáculos impostos pela desintegração da ex-URSS e os desafios surgidos pela globalização (BARATA, 2014). A superação russa nesse período foi possível por meio de ações como a nacionalização de determinadas indústrias estratégicas, principalmente às ligadas ao setor de energia e de defesa, e a implementação do uso geopolítico do fornecimento de gás (CHAGAS, 2014). Quanto a esse uso, Belmonte (2016) trouxe à tona que a condução da chamada geopolítica dos dutos ou “*pipeline*”, na qual o governo de Moscou buscou controlar o domínio do fornecimento e distribuição de gás e petróleo para o resto da Europa, facilitou o estabelecimento de uma relação de dependência entre as partes e isso foi uma grande vantagem para os propósitos políticos definidos por *Putin*.

O jogo político duplo realizado pela Ucrânia perdurou até o momento em que a Rússia se fortaleceu nos campos econômico, militar e político, fato que se consolidou na primeira década do século XXI. Nesse contexto, cumpre destacar que a manutenção de *Putin* na esfera de tomada de decisão do governo russo, quer seja como presidente, quer seja na função de primeiro ministro, foi o fator fundamental para a revitalização

e para o fortalecimento do parque tecnológico e militar russo, dando as condições necessárias para que as primeiras investidas expansionistas russas pudessem ser realizadas nas regiões de Ossétia do Sul e de Abcássia<sup>10</sup> (KULIKE, 2014).

Foi a partir desse momento que *Putin* impetrou reações políticas visando impedir a concretização de uma aliança entre a Ucrânia e a União Europeia. O resultado disso ficou materializado pelo corte de fornecimento de gás ao país e pela atuação de militares infiltrados russos em grande parcela de população russa residente na Ucrânia, principalmente na Crimeia. Tal fato proporcionou um resultado satisfatório, qual seja: desestabilizou o novo governo ucraniano, o qual havia tomado posse imediatamente após a eclosão das revoltas populares ucranianas que eram contrárias às ações políticas russas (DIAS, 2015; MIELNICZUK, 2014).

Como se não bastasse o sucesso dessa manobra regional, a Rússia também foi favorecida no cenário que vigorava no sistema internacional, no alvorecer do século XXI. Os atentados ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 em solo americano, marcaram uma mudança na postura política adotada pelos Estados Unidos da América, a única potência hegemônica existente no planeta desde o final da Guerra Fria. A resposta do governo norte-americano face aos atentados ocorridos em 11 de setembro mobilizou todos os setores da sociedade norte-americana e foi oficializada de forma unilateral por meio da declaração emitida pelo presidente *George W. Bush*, intitulada de Guerra ao Terror. As consequências desse pronunciamento produziram efeitos nos mais variados campos do poder e fizeram com que a ameaça terrorista passasse a ser a prioridade número um dos Estados Unidos (FERREIRA, 2014).

Pautasso (2014) entende que esse reordenamento de esforços da política externa estadunidense gerou um vácuo de poder deixado pelos americanos na Europa, facilitando a ascensão da Rússia no tabuleiro internacional. Senhoras (2014) insere ingredientes adicionais nesse tema ao afirmar que o foco dos Estados Unidos da América no combate ao terror, sobretudo em regiões da Ásia, como Afeganistão e Oriente Médio, permitiu elevado grau de liberdade de ação para *Putin* fortalecer o poder econômico, político e militar russo (SENHORAS, 2014). Complementando essa questão, Brzezinski (1997) depreende que a diminuição da atuação

---

<sup>10</sup> Conflito deflagrado em agosto de 2008 entre a Rússia e a Geórgia. Nesse embate, a Rússia atacou a Geórgia em resposta à tentativa deste país de reincorporar, pela força, as regiões de Ossétia do Sul e Abcássia (MIELNICZUK, 2013).

norte-americana na região do leste europeu foi, de certo modo, fulcral para o êxito russo no conflito envolvendo o país e a Ucrânia.

Por outro lado, o sucesso obtido pela Rússia como protagonista no sistema internacional não deve ficar restrito somente aos Estados Unidos da América. A União Europeia também foi decisiva nesse processo. O avanço realizado pela União Europeia em direção à fronteira russa, materializado pelo aumento de sua área de influência comercial, política e militar (este por meio da OTAN), demonstrou ser bastante ofensivo para as elites dominantes russas, a tal ponto que as mesmas entenderam que a manobra europeia estava colocando em risco a soberania do país (SENHORAS, 2014).

Como resposta a esse movimento, o governo russo sentiu-se obrigado a adotar uma postura mais agressiva para evitar o avanço militar ocidental em sua área de influência e de segurança na região do leste europeu. Em vista disso, o governo de Moscou direcionou suas atenções para algo que nunca foi bem digerido pelo governo russo e que era antigo objetivo do país: a Ucrânia. Valendo-se de um quadro de turbulência política instaurado na Ucrânia, aliado a queda do presidente pró-russo *Viktor Yanukovich* em fevereiro de 2014, a Rússia evocou o princípio da autodeterminação dos povos para o atendimento de um anseio da população de origem russa (explicitado por meio de um referendo) para anexar oficialmente a Crimeia em março de 2014, mostrando ao mundo uma grande virada de sua política externa (FERREIRA; TERRENAS, 2016).

Belmonte constata que o sucesso desta anexação muito se deveu à ação realizada anteriormente pelas tropas especiais russas na Ucrânia, que desestabilizaram a região e fomentaram o conflito contra um exército ucraniano mal equipado e com a doutrina de emprego militar defasada e sem capacidade de lograr êxito num combate travado sob o contexto de guerra híbrida<sup>11</sup> (BELMONTE, 2016).

Em que pese os efeitos colaterais da investida russa na região da Crimeia, tais como o grande aporte financeiro destinado para a manutenção do funcionamento do setor financeiro ucraniano; as diferenças salariais existentes entre a Rússia e a Ucrânia; a diferença cambial entre os dois países; e a perda de arrecadação financeira (motivada pela diminuição de captação de recursos oriundos do turismo

---

<sup>11</sup> Conflito armado conduzido pela combinação de meios não-militares e militares com efeitos sinérgicos para compelir ou induzir o inimigo a agir de forma diferente do que ele próprio deveria (JAGELLO, 2016).

e do setor agrícola), os ganhos geopolíticos computados ao final da empreitada, compensou tal esforço (MUNERA, 2015).

Ao se estabelecer na região, *Putin* sinalizou ao mundo o lado *hard power*<sup>12</sup> da geopolítica russa e evidenciou uma possibilidade de seguir o movimento expansionista para região do sudeste ucraniano, região de alto valor estratégico para a Rússia, devido à quatro aspectos principais: 1) a existência de um complexo industrial bélico nessa região, composto por fábricas de peças de aeronaves, fábricas de reparação e de construção de componentes de mísseis balísticos; 2) o fato da Esquadra Russa do Mar Negro estar localizada na Criméia; e 3) a projeção de poder obtida pela Rússia no tabuleiro estratégico internacional, sobretudo junto aos países da Europa e da África (BELMONTE, 2016; BARATA, 2014).

É notório que a anexação da região da Crimeia favoreceu o posicionamento russo quanto à questão da Síria, outra importante frente da geopolítica russa. Em vista disso, pode se depreender que *Putin* aproveitou o cenário internacional favorável e respondeu à altura diante da geopolítica de contenção ocidental liderada pelos norte-americanos e inspirada em *Nicolas Spykman*<sup>13</sup>, evidenciando assim um avanço militar russo e a consequente projeção de poder além das fronteiras russas (BELMONTE, 2016).

Essas ações proporcionaram ótimas condições para o prosseguimento da estratégia implementada por *Putin*, em voltar a ser um *player* de nível global, com forte crescimento do seu poder militar. Não à toa, percebe-se que a Rússia continua expandindo a sua base industrial de defesa, com o lançamento de novas classes de navios militares, com a renovação de toda a frota aérea russa, em particular com o moderno Mig-35, avião de referência mundial no segmento de aeronaves multifuncionais de 5ª geração (BELMONTE, 2016). Dessa forma, o investimento e o consequente avanço na área militar, reforçam o esforço das elites de Moscou em posicionar a Rússia numa posição de destaque no atual tabuleiro internacional (RIBEIRO, 2016).

---

<sup>12</sup> Forma de poder mais dura que um Estado pode exercer no sistema internacional. Pode ser feita através do poder militar ou por meio de ações diplomáticas como dissuasão e coerção (NYE, 2002).

<sup>13</sup> Geopolítico norte-americano que, por meio da teoria do Rimland, norteou a geopolítica de contenção desencadeada pelos EUA frente à ex-URSS após a 2ª Guerra Mundial. Essa teoria entende que somente a implementação de linhas de defesa na orla eurasiática poderia conter o avanço das potências do *Heartland Mackinderiano* (SANTOS, 2012).

## CONCLUSÕES

O presente artigo procurou analisar o episódio envolvendo a Rússia e a Ucrânia sob a ótica geopolítica russa, que é resultado de uma evolução do pensamento eurasianista do início do século XX. Ou seja, o eurasianismo foi se adaptando a mudança ocorrida no sistema internacional ao longo do século XX até chegar à concepção atual definida por *Dugin* como neo-eurasianismo. Não por acaso, o eurasianismo proposto por *Dugin* veio a se tornar a escola de pensamento geopolítico mais influente na Rússia nos dias atuais, a tal ponto de subsidiar várias ações impetradas por Moscou após a Guerra Fria, principalmente após a assunção de *Putin* aos principais cargos no governo russo.

No que concerne ao episódio envolvendo a Rússia e a Ucrânia, constata-se que a manobra russa foi fruto de ideias fortemente propagadas pelo neo-eurasianismo, na medida em que as estratégias russas adotadas se ajustaram à nova ordem mundial estabelecida após a Guerra Fria. A globalização mudou o *status quo* até então existente no tabuleiro estratégico internacional, tornando o mundo muito mais complexo que outrora, pois colocaram na mesma plataforma de diálogo Estados e atores não estatais. Nesse mister, a Rússia soube realizar ótima leitura do cenário e implementar as suas ações estratégicas em seu *Heartland*. Os atentados terroristas ocorridos no dia 11 de setembro de 2001, reordenou esforços da política externa estadunidense, pelo que gerou um vácuo de poder deixado pelos americanos na Europa, condição que possibilitou a atuação da Rússia com considerável liberdade de manobra no tabuleiro internacional.

Dessa forma, o vulto tomado pela anexação da província da Criméia por parte da Rússia, desde o início até o seu desfecho final, além de caracterizar um momento em que princípios e convenções internacionais foram deixados de lado, marcou uma grande mudança geopolítica na Europa, evidenciando até algumas tendências no nível global. Na esfera global, reativou o lado *Hard Power* da geopolítica Rússia, que há muito tempo não se observava. Nesse arranjo, observa-se o enfraquecimento de um importante ator global, que tem papel muito importante na manutenção da paz nos dias atuais: a ONU.

A ONU, mesmo observando que um país membro havia desrespeitado diversos preceitos e leis que regem seu estatuto, tentou buscar uma solução diplomática para solucionar o caso. Como não obteve êxito em tal tentativa, a instituição somente encontrou forças para condenar

a atitude russa numa assembleia geral. Tal fato foi muito vinculado pela mídia, mas não teve a força suficiente para paralisar as ações de uma potência como a Rússia. Diante da ineficácia da instituição, questiona-se então sobre o real papel que a ONU exerce na atualidade, bem como a necessidade ou não de rever seus estatutos e, principalmente, se existe a possibilidade de alterar o Conselho de Segurança da ONU.

Em que pese a derrota geopolítica obtida pela União Europeia e pelos EUA, pontua-se que a Ucrânia foi a grande derrotada nesse conflito. As grandes perdas territoriais impostas à Ucrânia pela saída da região da Crimeia são incalculáveis. Conforme abordado, o valor estratégico e geopolítico do local é, sem dúvida, imensurável. A tão desejada saída da esfera de influência russa e a consequente aproximação com a União Europeia ainda não se concretizou, pois até o momento o país não conseguiu entrar para a União Europeia e nem para a OTAN.

Por fim, sob os ideais geopolíticos propagados pelo eurasianismo contemporâneo ou neo-eurasianismo, particularmente no que diz respeito ao domínio das civilizações pertencentes à Eurásia, a Rússia mudou de patamar no sistema internacional com a anexação da Crimeia. O seu fortalecimento ficou evidente e inquestionável após isso, e, mesmo com as sanções econômicas impetradas pela comunidade internacional, a Rússia voltou a ser atuante na política mundial, respaldada principalmente pela forma como *Putin* conduziu os destinos de seu país. O ato de anexar a Crimeia despertou a atenção dos ocidentais, particularmente os norte-americanos, a tal ponto dos Estados Unidos da América retificar sua estratégia e destinarem aos russos, a prioridade nas questões afetas à política, à segurança e à defesa.

# THE CONFLICT BETWEEN RUSSIA AND UKRAINE IN 2014, UNDER RUSSIAN GEOPOLITICS

## ABSTRACT

---

The purpose of this article is to analyze the episode involving Russia and Ukraine in 2014, from the perspective of the geopolitics practiced in Russia. For this, the article is structured as follows: it begins with a brief evolution of Russian territory from the 12th century, highlighting the reflexes of this dynamics in Russian society. In the sequence, Mackinder's role in Russian geopolitics stands out, while the Russian geopolitical thought adopted today is presented. Subsequently, it addresses the importance of Eurasianism in Russian geopolitics and the influence of Dugin's ideas. Then, an analysis of this conflict is made, from the geopolitical point of view, concluding with the conclusions obtained from this study.

**Keywords:** Geopolitics. Russia. Ukraine.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Hugo Hortêncio de. "Rússia - 1ª parte: origem e formação de um Império." *Revista de Informação Legislativa*, a. 39, nº 155, 2002, Pp. 203-214.
- ALBUQUERQUE, E. "Breve história da geopolítica." Rio de Janeiro: Cene-gri, 2012.
- BARATA, Pedro. "A Ucrânia, a UE e a Rússia: Softpower versus Realpoli-tik?" *JANUS.NET, E-JOURNAL OF INTERNATIONAL RELA-TIONS*, VOL. 5, N° 1, 2014, PP. 33-50.
- BELMONTE, G. NIEDEMEIER. "O Ressurgimento do Grande Urso." *A Defesa Nacional*, ano CIII, nº 830, 2016, Pp. 30-47.
- BLUM, G. Glodes; JACICHEN, Julia. "Em busca de um lugar na Nova Or-dem Mundial: A Rússia, o Espaço Pós-soviético e o pensamento geopolítico russo." *Revista Geographia Opportuno Tempore*, Vol.2, nº 1, 2015, Pp. 01-20.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. "The grand Chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives." New York: Basic Books, 1997.
- CHAGAS, D. C. Nascimento. "A geopolítica dos recursos naturais da Rús-sia: uma análise sob a perspectiva de Vladimir Putin." *Revista Vernáculo*, nº 33, 2014. Pp. 66-98.
- DIAS, V. Amaro. "As dimensões interna e internacional da crise na Ucrâ-nia." *Relações Internacionais (R:I)*, nº 45, 2015, Pp.45-55.
- FERREIRA, M. A. S. V. "Panorama da Política de Segurança dos Estados Unidos após o 11 de Setembro: o Espectro neoconservador e a reestrutu-ração organizacional do Estado." In: SOUZA, A. Mello. et. al. (orgs.). *Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília: IPEA, 2014, Pp. 45-64.
- FERREIRA, M. Farias; TERRENAS, João. "Good-bye, Lenin! Hello, Putin! O discurso geoidentitário na política externa da nova Rússia." *Revista Bra-sileira de Ciências Políticas*, nº 20, 2016, Pp. 43-78.
- GILBERT, Jack. "Conversamos com Aleksandr Dugin, o 'Cérebro' de Putin, e Ele quer a volta do Imperialismo Russo." *VICE*, 2014. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/ezgb87/falamos-com-aleksandr-dugin-o-cerebro-de-putin-e-ele-quer-a-volta-do-imperialismo-russo](https://www.vice.com/pt_br/article/ezgb87/falamos-com-aleksandr-dugin-o-cerebro-de-putin-e-ele-quer-a-volta-do-imperialismo-russo)>. Acesso em:

13.04.2020

GONÇALVES, H. L. M. B. L. "O Eurasianismo, sua influência na Política Externa Russa pós-1999, e seus possíveis reflexos para as expressões política e militar do Brasil." Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: ECEME, 2014. Disponível em: <<http://redebie.dece.x.eb.mil.br/vinculos/000029/00002943.pdf>>. Acesso em: 02.08.2019.

HOBSBAWM, Eric J. "Globalização, democracia e terrorismo." São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ISAKOVA, I. Viktorovna. "Russian Governance in the twenty-first century: Geo-strategy, geopolitics and governance." London: Cass Contemporary Studies Serie, 2005.

JAGELLO 2000. "Hybrid Warfare: A New Phenomenon in Europe's Security Environment." Praga: NATO Information Centre, 2016.

KATZ, Mark. N. "Russia's Security Challenges." In: AKIHIRO, Iwashita. Acta Slavica Iaponica nº 16. Sapporo: Slavic-Eurasian Research Center, 2007, Pp. 134-147.

KAPLAN, R. D. "A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica." Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KOLOSSOV, Vladimir. "After Empire: Identities and Territorialities in the Post-Soviet Space." In: AGNEW, John et al. (orgs.). A Companion to Political Geography. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, Pp. 249-270.

KULIKE, Marcelli. "As invasões russas na Geórgia (2008) e na Crimeia (2014)." Série Conflitos Internacionais, Vol. 1, nº 4, 2014, Pp. 1-5.

LARUELLE, Marlene. "Aleksandr Dugin: A Russian Version of the European Radical Right?" Kennan Institute. Washington: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2006. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/aleksandr-dugin-russian-version-the-european-radical-right-2006>> Acesso em: 13.04.2020.

LAZZARI, T. Colombo. "A política externa russa do início do século XXI: Tendências e perspectivas." Conjuntura Austral, Vol. 2, nº 34, 2010, Pp. 58-78.

LOPES, S. R. Gouvêa. "Os padrões de comportamento entre as teorias geopolíticas Anglo-Saxônicas e a política externa dos Estados Unidos para

a União Soviética durante a Guerra Fria a luz do Neo-Eurasianismo.” Trabalho de Conclusão de Curso, Santa Catarina: UFSC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/174630/Monografia%20do%20Sergio%20Roberto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17.07.2019.

MACKINDER, Halford. “The Geographical Pivot of History.” *The Geographical Journal*, Vol. 23, nº 4, 1904, Pp. 421-437. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/1775498?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1775498?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 02.03.2020.

MARKOV, Sergey. “Rússia na mais importante etapa política das eleições parlamentares de 2007 e presidenciais de 2008.” In: II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional - O Brasil no mundo que vem aí - Rússia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008, Pp. 19-48.

MATOS, Dídimo. “O neo-eurasianismo e o despertar russo.” *Revista de Geopolítica*, Vol. 3, nº 2, 2012. Pp. 71-79.

MATTOS, C. Meira. “Geopolítica e Modernidade: A geopolítica brasileira.” Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

MELLO, L. I. Almeida. “Quem tem medo de Geopolítica?” 2. ed. São Paulo: Instituto Leonel Itaussu, 2015.

MIELNICZUK, Fabiano. “O Conflito entre Rússia e Geórgia: uma revisão histórica.” *Estudos Internacionais*, Vol. 1, nº 2, 2013, Pp. 157-166.

MIELNICZUK, Fabiano. “A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais.” *Conjuntura Austral*, Vol. 5, nº 23, 2014, Pp. 04-19.

MUNERA, L. M. Benavides. “Conflicto Ucraniano: Análisis geopolítico desde una visión realista.” Trabalho de Conclusão de Curso, Bogotá: Universidade Militar, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unimilitar.edu.co/bitstream/10654/7732/1/ANALISIS%20GEOPOLITICO%20DEL%20CONFLICTO%20UCRANIANO.pdf>>. Acesso em: 10.02.2020.

NYE, Joseph S. “Paradoxo do Poder Americano.” São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, U. R. R. de “A disputa entre a Rússia e a Ucrânia pela Região da Crimeia.” Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, Lisboa: Academia Militar, 2016. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/15125>>. Acesso em: 02.02.2020.

PAUTASSO, Diego. "Da Política de Contenção à Reemergência: A Rússia volta ao Tabuleiro." *Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais - Austral*, Vol. 3, nº 6, 2014, Pp. 73-94.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. "Diccionario de la lengua española." 2020. Disponível em: <<https://dle.rae.es/ethos?m=form>>. Acesso em: 12.04.2020.

REIS, T. Nepomuceno. "A Geopolítica da Rússia: Uma análise através da Geopolítica Clássica e do Coque de Civilizações." Monografia, Brasília: UNICEUB, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/7076/1/21117654.pdf>>. Acesso em: 15.10.2019.

RIBEIRO, R. Corrêa. "Assimetrias da política externa russa para a Crimeia e a Transnístria." *Conjuntura Internacional*, Vol. 13, nº 2, 2016, Pp. 102-110.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. "Do Acordo Tripartido (1988) ao Acordo de Paz em 2002: O Processo de Paz Conduzido em Angola." *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, Vol. 4, nº 7, 2019, Pp. 51-83.

RUSSIA. "Regional Bodies of State Authority of Russian Federation." 2018. Disponível em: <[http://www.gov.ru/index\\_en.html](http://www.gov.ru/index_en.html)>. Acesso em 02.09.2018.

SANTOS, Carlos José Crêspo. "A geopolítica de expansão dos EUA e as teorias geopolíticas clássicas." *Revista Geopolítica*, Vol. 3, nº 2, 2012, Pp. 173-194.

SENHORAS, E. Martins. "Movimentos pendulares nas relações Rússia e Estados Unidos." *Conjuntura Global*, Vol. 3, nº 2, 2014, Pp. 99-106.

SOUSA, D. R. de. "A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo." *Revista de Geopolítica*, Vol. 3, nº 2, 2012, Pp. 61-70.

VILLA, Rafael Duarte. "Mackinder: Repensando a Política Internacional Contemporânea." *Revista de Sociologia e Política*, nº 14, 2000, Pp. 195-199.

Recebido em: 24/02/2020

Aceito em: 25/05/2020